

APAGÃO É ALERTA CONTRA OBSESSÃO PRIVATISTA DE ZEMA

Tempestade em São Paulo derruba falso discurso de que empresas privadas são mais eficientes do que estatais

O apagão em São Paulo expôs os graves impactos negativos da privatização dos serviços públicos essenciais e estratégicos, como a energia e o saneamento, e serve de alerta para a população mineira, ameaçada de enfrentar situação semelhante se não barrar a obsessiva intenção do governo Zema de vender a Copasa e a Cemig.

Mais de dois milhões de moradores ficaram no escuro depois do temporal da última sexta-feira (3 de novembro) em São Paulo, desassistidos pela empresa privada Enel, responsável pela distribuição de energia elétrica na capital paulista e em mais 23 municípios da região metropolitana. Mais grave é que quatro dias após o apagão ainda havia cerca de 200 mil clientes da empresa sem luz.

A incapacidade da privada Enel em reestabelecer o fornecimento de energia rapidamente causou enormes prejuízos e transformou a vida da população em verdadeiro tormento, com a perda de alimentos, remédios e eletrodomésticos. Além de deixar 4,2 milhões de residências sem energia, afetou hospitais, comércio e até a distribuição de água.

O colapso da Enel demonstrou que o setor privado não garante um serviço melhor que o setor público, derrubando mais uma vez o falso lema “privatiza que melhora” e o discurso falacioso de que o Estado não tem condições de assegurar os serviços essenciais com excelência.

A tragédia paulista reafirmou que, ao contrário

do que apregoam os entreguistas, a privatização não significa aumento dos investimentos e melhoria do desempenho da empresa, da qualidade dos serviços e do atendimento ao consumidor. As privadas não assumem o compromisso social que é exercido pelas empresas públicas.

Em 2018, a estatal italiana Enel assumiu o controle da distribuição de energia para 24 municípios da Região Metropolitana de São Paulo, incluindo a capital. A política adotada pelos novos donos é bem conhecida: sucateamento operacional, de olho no lucro, com redução dos custos e do quadro de pessoal, avanço da terceirização, aumento das tarifas e queda da qualidade dos serviços.

Em cinco anos, a Enel diminuiu em 36% o número de trabalhadores, enquanto o volume de clientes atendidos cresceu 7%. Em 2019, a empresa tinha 23.835 trabalhadores e em 2023, conforme dados do terceiro trimestre, conta com pouco mais que a metade: 15.366 trabalhadores. A redução no quadro de pessoal e o aumento da terceirização certamente explica a incapacidade da empresa em responder rapidamente à emergência causada pela tempestade.

O povo mineiro precisa ficar atento para não ser enganado pelo governador Romeu Zema e seu plano insano de entregar o patrimônio público para a iniciativa privada. O alerta do apagão é evidente: a população pagará a conta e sofrerá os severos efeitos negativos do controle privado dos serviços essenciais e estratégicos.

Acompanhe mais informações em nosso site www.sindagua.com.br ou pelas redes sociais: